

Editorial

Introdução ao Dossiê *As formas da razão: Uma homenagem a Jules Vuillemin (1920-2001) e Gilles-Gaston Granger (1920-2016)*

Se Gilles-Gaston Granger é conhecido no Brasil, por ter sido Professor de filosofia teórica na USP nos anos cinquenta do século passado¹, o nome de Jules Vuillemin é bem menos famoso. É verdade que Vuillemin ensinou mais na França, e em poucas ocasiões no Estados Unidos da América, razão pela qual seus livros também foram traduzidos para o inglês. Porém, os dois epistemólogos franceses tiveram um percurso bastante parecido. Ambos nasceram em 1920, entraram na Ecole Normale Supérieure de Paris no início da segunda guerra mundial, estudaram na Sorbonne com professores como Gaston Bachelard, Martial Gueroult e Jean Cavailles, e começaram a sua carreira depois da guerra, no “lycée” (ensino médio), com um interesse para a filosofia das ciências, afastando-se da fenomenologia que era então dominante. Enquanto Granger foi para São Paulo, onde ensinou na USP até 1953, Vuillemin obteve uma vaga na Universidade de Clermont-Ferrand, no centro da

França, onde ensinou de 1950 a 1962. Granger foi nomeado na Universidade de Rennes e (depois de ter passado dois anos na África) se fixou finalmente (em 1964) em Aix-en-Provence, onde criou o Centro de Epistemologia Comparativa (atualmente Centre Gilles-Gaston Granger²). Vuillemin foi nomeado em 1962 no Collège de France, para suceder Maurice Merleau-Ponty que acabara de falecer, instituição na qual também ensinaram Michel Foucault e Pierre Bourdieu. Lá ensinou a “Filosofia do conhecimento”, interessando-se pela matemática, filosofia analítica (Russell, Quine), bem como pela sistematização filosófica. Entretanto, Granger, que tinha contribuído para introduzir na França as obras de Wittgenstein e Peirce, desenvolveu uma investigação mais voltada às ciências humanas, sempre com uma orientação “formal”. Vuillemin se aposentou do Collège de France em 1990, enquanto Granger foi nomeado na mesma instituição em 1986, na qual ensinou até

¹O Professor José Arthur Gianotti mencionou que participou do primeiro curso de lógica formal criado no Brasil - pelo Professor Gilles-Gaston Granger, provavelmente por volta de 1948.

²<<https://centrigranger.cnrs.fr/>>

1991³. Vuillemin faleceu em 2001⁴ e Granger em 2016. Ambos contribuíram na formação de numerosos intelectuais na França e no mundo.

Desde os seus primeiros trabalhos, sobre a significação da morte, do destino e do trabalho, ou sobre o simbolismo, Jules Vuillemin e Gilles-Gaston Granger procuraram redefinir toda a racionalidade. Eles trabalharam com obstinação nessa reelaboração, através de estudos aparentemente muito diversos: ao mesmo tempo históricos (Platão⁵, Aristóteles⁶, o ceticismo⁷, An-

selmo⁸, Descartes⁹, Kant¹⁰, Condorcet¹¹, Russell¹², Wittgenstein¹³), epistemológicos (a lógica, a matemática, a física, as ciências sociais¹⁴), conceituais (a abstração, a modalidade¹⁵, a sistematicidade¹⁶, o individual¹⁷, a verificação¹⁸), e até metafísicas (o mundo sensível¹⁹, a realidade²⁰) ou práticas²¹. Mesmo quando trataram questões bastante técnicas (as lógicas paraconsistentes, a cibernética), ou que podem parecer periféricas (o teatro²², a informática²³), sempre foi no horizonte desse ambicioso projeto geral. O que é pos-

³<<https://www.college-de-france.fr/site/gilles-gaston-granger>>

⁴Se pode consultar os arquivos de Jules Vuillemin na cidade de Nancy (France), no Centro de Pesquisa: Archives Henri-Poincaré, <<https://poincare.univ-lorraine.fr/fr/archives-jules-vuillemin>>

⁵Jules Vuillemin, *Mathématiques pythagoriciennes et platoniciennes*, Paris, Albert Blanchard, 2001.

⁶Jules Vuillemin, *De la logique à la théologie. Cinq études sur Aristote*, Louvain-la-Neuve, Peeters, 2008; Gilles-Gaston Granger, *La théorie aristotélicienne de la science*, Paris, Aubier, 1976.

⁷Cf. “Le scepticisme selon Jules Vuillemin”, *Philosophia Scientiae*, Kimé, 2016/3 (20-3), <<https://www.cairn.info/revue-philosophia-scientiae-2016-3.htm>>

⁸Jules Vuillemin, *Le Dieu d'Anselme et les apparences de la raison*, Paris, Aubier, 1971.

⁹Jules Vuillemin, *Mathématiques et métaphysique chez Descartes*, Paris, PUF, 1987.

¹⁰Jules Vuillemin, *L'héritage kantien et la révolution copernicienne. Fichte. Cohen. Heidegger*, Paris, PUF, 1954; *Physique et métaphysique kantienne*, Paris, PUF, 1955; *L'intuitionnisme kantien*, Paris, Vrin, 1994.

¹¹Gilles-Gaston Granger, *La mathématique sociale du Marquis de Condorcet*, Paris, PUF, 1956.

¹²Jules Vuillemin, *Leçons sur la première philosophie de Russell*, Paris, Armand Colin, 1968.

¹³Gilles-Gaston Granger, *Wittgenstein*, Paris, Seghers, 1969 ; *Invitation à la lecture de Wittgenstein*, Paris, Alinéa, 1990. Também o subtítulo do livro de Vuillemin, *L'être et le travail* (Paris, PUF, 1949) indica: “As condições dialéticas da psicologia e da sociologia”.

¹⁴Gilles-Gaston Granger, *Pensée formelle et sciences de l'homme*, Paris, Aubier, 1960; tradução portuguesa: *Pensamento formal e ciências do homem* (2 vols.). Lisboa: Editorial Presença e Porto Alegre: Martin Fontes, 1975.

¹⁵Jules Vuillemin, *Nécessité ou contingence. L'aporie de Diodore et les systèmes philosophiques*, Paris, Minuit, 1997 ; Gilles-Gaston Granger, *Le probable, le possible et le virtuel. Essai sur le non-actuel dans la pensée objective*, Paris, Odile Jacob, 1995.

¹⁶Jules Vuillemin, *What are philosophical systems*, Cambridge, Cambridge University Press, 1986.

¹⁷Gilles-Gaston Granger, *Essai d'une philosophie du style*, Paris, Armand Colin, 1968; tradução portuguesa: *Filosofia do estilo*. São Paulo: Perspetiva e Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

¹⁸Gilles-Gaston Granger, *La vérification*, Paris, Odile Jacob, 1992.

¹⁹Jules Vuillemin, *La logique et le monde sensible*, Paris, Flammarion, 1971.

²⁰Gilles-Gaston Granger, *Sciences et réalité*, Paris, Odile Jacob, 2001.

²¹Cf. Jules Vuillemin, « Effets moraux de l'accélération de l'histoire », *Philosophia Scientiae*, 2017/2 (21-2), p. 149-161, <<https://www.cairn.info/revue-philosophia-scientiae-2017-2-page-149.htm>>; « Sommes-nous libres? », *Philosophia Scientiae*, 2017/2 (21-2), p. 163-174. URL: <<https://www.cairn.info/revue-philosophia-scientiae-2017-2-page-163.htm>>; « La Justice par convention; signification philosophique de la doctrine de Rawls », *Dialectica*, 41(1-2), 155-166, 10.1111/j.1746-8361.1987.tb00886.x, retomado in *L'intuitionnisme kantien. Sobre a dimensão prática da filosofia de Granger*, cf. Philippe Lacour, *La nostalgie de l'individuel. Essai sur le rationalisme pratique de Gilles-Gaston Granger*, Paris, Vrin, 2012.

²²Jules Vuillemin, *Essai de poétique*, Paris, Vrin, 1991.

²³Gilles-Gaston Granger, *Langages et épistémologie*, Paris, Klincksieck, 1979. Também *Philosophie, langage, science*, Paris, EDP Sciences, 2003; tradução portuguesa: *Filosofia, Linguagem, Ciência*. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2013.

sível constatar através da atenção que ambos dispensaram para a definição da filosofia enquanto atividade racional²⁴.

Pode-se propor a hipótese da unidade de um problema, a despeito da diversidade das suas expressões, falando de uma transformação, de uma reinvenção da razão²⁵? De fato, os dois autores herdaram uma concepção de racionalidade proveniente da decomposição do kantismo, causada pelo progresso das ciências, pela fenomenologia e pelo existencialismo. Ambos procuraram uma nova definição da mesma. Essa racionalidade original ambiciona ser mais abrangente, pois admite novos objetos e métodos; mais flexível, pois a sua plasticidade lhe permite aplicar-se à novos domínios até então inacessíveis; e, por fim, mais precisa, pois se torna mais capaz de explicitar as modalidades do seu funcionamento e de suas operações. Porém, as figuras da racionalidade que cada autor desenha não são totalmente idênticas, mesmo que possam parecer similares. Efetivamente, se as dificuldades abordadas são frequentemente as mesmas, as respostas são muitas vezes distintas.

Vuillemin, por um lado, não aceita os “deslocamentos” da filosofia kantiana que ele identifica nas obras de Fichte, Cohen e Heidegger. Ele lança o enigmá-

tico programa de uma “revolução ptolêmica”, que consiste em substituir “o cogito num mundo de deuses pelo trabalho no mundo dos homens”²⁶. Se trata, de fato, de evitar o idealismo (cartesiano, kantiano ou husserliano), e de se reconciliar com a finitude humana. Esta deixa de ter um valor apenas negativo, em comparação com a infinitude divina, e adquire um valor positivo em si mesma. Falta, porém, radicalizar essa transformação para a racionalidade não depender nem do Deus de Descartes, nem da fé kantiana, nem do absoluto hegeliano (ele investiga também o articulação da razão e da fé nas obras de Aristóteles e Anselmo). Por isso começa a reflexão de Vuillemin com uma meditação sobre o sentido do destino e da morte. Ora, a noção de trabalho, que Vuillemin opõe à ansiedade heideggeriana e ao projeto sartriano, deve permitir reinventar uma razão rigorosa e dinâmica, ao mesmo tempo teórica e prática, e inserida no mundo sem excluir uma interrogação legítima sobre as ciências (mas também sem cair no positivismo). Quais são as dimensões (teórica, prática, estética) dessa nova racionalidade e como se articulam umas com as outras? Qual é a nova forma da reflexividade que nasce dessa refundação, e qual é a relação dela com a intuição?

²⁴Gilles-Gaston Granger, *Pour la connaissance philosophique*, Paris, Odile Jacob, 1988.

²⁵É também a hipótese de Jean-Marie Chevalier, “Granger, Vuillemin, Bouveresse : raison, rationalité... rationalisme ?”, in Claudine Tiercelin (dir.), *La reconstruction de la raison*, Paris, éditions du Collège de France, 2014, Granger, <<https://books.openedition.org/cdf/3555?lang=fr>>

²⁶Jules Vuillemin, *L'héritage kantien et la révolution copernicienne. Fichte, Cohen, Heidegger*, Paris, PUF, 1954. Cf. frase final da conclusão.

Para responder a essas perguntas, Vuillemin começou estudando cuidadosamente a física e a metafísica de Descartes e Kant, para que a ciência o ajudasse a entender melhor a metafísica, e vice-versa. Paralelamente, analisou a história da álgebra, para formular um novo programa de filosofia do conhecimento, e buscou na filosofia analítica (em particular de Russell, que renovou o problema das antinomias da razão) pistas de reflexão para reformular a teoria da abstração. O seu esforço conceitual, herdeiro da filosofia reflexiva francesa e da tradição crítica, culminou na sua grande obra sobre os sistemas filosóficos, que se pode ler ao mesmo tempo como uma reflexão sobre a história da filosofia e sobre as modalidades²⁷.

Granger, por outro lado, retomou a reflexão de Jean Hyppolite sobre o desafio do conceito de alienação (o que separa perpetuamente o homem dele mesmo), para o qual ele privilegia uma solução que utiliza a noção de “trabalho” elaborada por Vuillemin. Isso permite prolongar o racionalismo aproximado (e aplicado) de Bachelard na direção das ciências humanas. De fato, enquanto a fenomenologia promete uma ciência da consciência da ação que na verdade permanece apenas subjetiva, a ergologia de Granger enfoca sobre as obras objetivas, questionando as suas condições de possibilidade (num jeito

transcendental). Ao contrário de toda a tradição aristotélica que associa exclusivamente a ciência ao universal, Granger sublinha que um saber do individual se torna finalmente possível, a condição de combinar uma formalização matemática adequada (através de modelagens) com um comentário filosófico (estilístico) no conhecimento das obras. Para fundamentar essa reconciliação da racionalidade e do individual, Granger transforma profundamente a reflexão kantiana, que ele ajusta a um quadro de reflexão semiótico (sob a influência de Peirce), separando assim a dimensão transcendental e a subjetividade. Também interpretou toda a filosofia de Wittgenstein (que ele contribuiu para introduzir na França) como um esforço de comparação dos sistemas semióticos formais e naturais. Ele apontou a prevalência do semiotismo natural, por causa da existência do que ele chamou de “pragmática pura”, mais fundamental que a lógica formal e que corresponde aos “universais” da linguagem. Perseguindo as suas investigações sobre a realidade, ele tentou separar as dimensões do atual (efetivo, indexicalizado) e do não atual (provável, possível, virtual), se esforçando para construir um “realismo moderado” que responda à questão da natureza dos objetos matemáticos. Desse ponto de vista, sempre buscou uma reconstrução

²⁷Jules Vuillemin, *Nécessité ou contingence*, Paris, Minuit, 1997; *What are philosophical systems*, Cambridge, Cambridge University Press, 1986. Sobre esse projeto, cf. “Jules Vuillemin et les systèmes philosophiques”, *Etudes philosophiques*, Paris, PUF, 2015/1 (n°112), <<https://www.cairn.info/revue-les-etudes-philosophiques-2015-1.htm>>.

da racionalidade, até na sua confrontação exigente com o irracional.

O Dossiê que aqui apresentamos não pretende oferecer uma visão exaustiva dos temas abordados pelos dois autores, nem tem, na verdade, um objetivo apenas exegetico. Ele ambiciona se inspirar no núcleo *racionalista* do projeto desses filósofos para mostrar o sentido em que tem relevância hoje, para vários

tipos de problemas que desafiam e enriquecem a filosofia. Daí esse título amplo das “formas da razão”, que respeita a inspiração de cada autor, mesmo que o enfoque principal esteja sobre as ciências formais (as diversas lógicas e matemáticas), que constituíram um objeto de investigação privilegiado de Granger e Vuillemin.

* * *

Esse Dossiê é o resultado de um trabalho coletivo de vários anos, começado em 2017. Efetivamente, foram organizados dois colóquios sobre Granger, Vuillemin e o racionalismo, numa perspectiva ampla. O primeiro encontro ocorreu em Paris, no mês de fevereiro de 2018, e foi organizado pelo Colégio Internacional de Filosofia. Reuniu quatro autores durante um dia, para debater a tentativa de “reinvenção da razão” dos dois epistemólogos franceses. O segundo aconteceu no mês de maio de 2018, na Universidade de Brasília (UnB), e foi organizado pelo departamento de Filosofia da UnB, com o apoio da FAPDF (Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal), e em colaboração com o Colégio Internacional de Filosofia. Durante dois dias, reuniu quinze intelectuais de vários países, principalmente da França e do Brasil, para discutir as transformações contemporâneas das “formas da razão” (os vídeos do colóquio estão disponíveis online:

<<https://tinyurl.com/y4dakbnv>>). Várias comunicações desses colóquios foram publicadas em outras revistas e a *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea* selecionou alguns para esse dossiê, adicionando os artigos de outros autores que não estiveram presentes nos eventos supracitados.

Obviamente, o dossiê não pretende elucidar todos as dimensões das obras de Granger e Vuillemin. Ele junta várias contribuições que enfocam tópicos da racionalidade contemporânea, que prolongam as reflexões dos dois filósofos franceses acerca desse assunto, e aspectos de suas obras que necessitam esclarecimento. A primeira parte do dossiê, portanto, é mais investigativa, enquanto a segunda é mais exegetica. Nos dois casos, porém, esperamos que as análises estejam voltadas para *problemas* que ainda hoje têm relevância para pesquisas em curso, como fizeram precisamente esses dois autores quando estudaram obras contemporâneas ou históricas, científicas ou filosóficas.

Agradecemos todos as pessoas que ajudaram na realização desse projeto, particularmente o Colégio Internacional de Filosofia (Paris), a Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF) e os Professores do departamento de Filosofia da UnB: Cecília Al-

meida, André Leclerc, Rodrigo Freire, Alexandre Costa-Leite, Agnaldo Portugal, Hilan Bensusan, e Alexandre Hahn. Também agradecemos aos estudantes que participaram da organização dos eventos, sem esquecer os tradutores do colóquio de Brasília.

* * *

A primeira parte das contribuições estuda assuntos que prolongam as reflexões de Granger e Vuillemin: Jean-Pierre Desclés investiga a possível formalização da linguística a partir dos escritos de Granger; Fabien Schang retoma a reflexão de Granger sobre a negação lógica para ampliá-la e contribuir com a invenção de uma lógica formal do diálogo (ou da dialética); Laurent Dubois se propõe a pensar logicamente a totalidade do universo, radicalizando talvez um gesto da filosofia reflexiva; Luciano Boi mostra como a matemática (a geometria em particular) pode ser útil para entender melhor a biologia contemporânea; Leonardo Müller avalia a evolução das normas de racionalidade (na categoria de utilidade) da economia recente a partir dos critérios de Granger.

A segunda parte do dossiê enfoca mais sobre as obras dos dois autores franceses: Philippe Lacour tenta caracterizar o projeto dos primeiros livros de Vuillemin enquanto esforço

de renovação geral da razão, contra a reputação “existencialista” dos mesmos; Joseph Vidal-Rosset afina a leitura de Vuillemin dos famosos argumentos onto-teológicos de Descartes e Anselmo, investigando a validade e a correção deles do ponto de vista da lógica formal; Carlos Lobo questiona a presença fantasmática da fenomenologia das modalidades de Oskar Becker (e Husserl) nas reflexões antifenomenológicas de Granger e Vuillemin; Elisabeth Schwartz analisa a ideia desses dois autores ao escrever uma filosofia “na idade da ciência”, no contexto francês da época; e, por fim, Sébastien Maronne discute a questão do gênio na matemática²⁸.

O texto de *Jean-Pierre Desclés* (em francês) apresenta um projeto de “cálculo das significações na análise das línguas”. Se trata de algumas reflexões epistemológicas sobre o programa de pesquisa que estuda a atividade de linguagem, atividade que não se reduz a pura comunicação nem a simples ex-

²⁸Infelizmente, devido a dificuldades decorrentes da pandemia do COVID-19, os artigos de Elisabeth Schwartz e Sébastien Maronne não puderam ser finalizados a tempo de serem incluídos neste número (edição). Mas, serão publicados ainda neste volume 8, e poderão ser consultados clicando [AQUI](#) ou [AQUI](#). Pedimos desculpas pelo inconveniente.

pressão do pensamento. O autor começa com precisões epistemológicas, nas quais explica a sua tentativa de juntar a semântica formal, a semântica cognitiva e a teoria da enunciação. Sua investigação utiliza uma forma liberal de interdisciplinaridade e de simulação. Para ser eficiente, a formalização se concentra sobre a pragmática interna à língua (não apenas os indexicais, mas também outros aspectos), que corresponde a significação, em oposição à pragmática externa, responsável da determinação do sentido. Em seguida, o autor articula esses conceitos básicos com esquemas semântico-cognitivos. Estes representam as significações de unidades gramaticais e lexicais que são produzidos no formalismo da lógica combinatória de Curry, por composições e transformações de operadores primitivos, indexados sobre atividades cognitivas de percepção e de ação, mas sem ser reduzidos a essas atividades. O autor concorda com Vuillemin no tocante à importância decisiva da percepção como fonte ou raiz da semântica (porém sem reducionismo). E ele se refere frequentemente as reflexões de Gilles-Gaston Granger sobre a formalização (e seus limites) das línguas naturais, a diferença destas com as pseudo-línguas de programação, sobre o pensamento do espaço (para construir operadores quasi-topológicos) e a dife-

rença entre as categorias de operação e de objeto. Permanece questionável, talvez, a esperança dele de conseguir capturar a pragmática externa (o sentido) a partir da formalização apropriada da pragmática interna (a significação), que pertence ao que Granger chamava de “pragmática pura”²⁹.

Fabien Schang, no seu artigo (em inglês) “Questions and Answers in Semantics” apresenta um conceito especial de valor de verdade, tal como pode ser compreendido no quadro de uma semântica que não seja bivalente nem referencial. Esta é uma alternativa à semântica bivalente que foi pressuposta por Gilles Gaston-Granger, em virtude da qual qualquer proposição é ou verdadeira ou falsa. Depois de expor os pressupostos de Granger em outra publicação³⁰, o presente artigo propõe uma interpretação distinta dos valores de verdade: estes não são apresentados como objetos simples, mas como estruturas ordenadas de respostas a questões incorporadas por proposições, isto é: enquanto produzidos pelas perguntas sobre predicados semânticos (‘verdadeiro’, ‘falso’, etc.) e pelas respostas correspondentes (‘sim’, ‘não’ etc.). Através desse esforço de formalização, Fabien Schang pretende esclarecer algumas dificuldades relacionadas ao que se entende por atos básicos de fala, como afirmação e negação. De fato, discor-

²⁹Gilles-Gaston Granger, “Les conditions protologiques des langues naturelles”, in *Formes, opérations, objets*, Paris, Vrin, 1994.

³⁰SCHANG, F. “Formes, objets et négations selon Granger. Une interprétation constructive”, *Philosophiques*, Volume 47, 2020, pp. 3-33, <<https://www.erudit.org/fr/revues/philoso/2020-v47-n1-philoso05372/1070248ar/>>.

dâncias profundas ocorrem sempre que dois falantes discordam acerca do significado das palavras que usam. No caso especial dos valores de verdade, Frege os tomou como os referentes de proposições que são classes de sentenças aceitas ('verdadeiras') ou rejeitadas ('falsas'). Partindo dessa representação comum da verdade e da falsidade, Fabien Schang propõe uma estrutura algébrica geral AR_m^n , a fim de sistematizar o uso de valores de verdade em uma perspectiva dialética da lógica. Uma atenção especial é dada a dois pseudo-falantes radicalmente opostos, a saber: Heráclito e Nagarjuna, segundo os quais os valores de verdade se referem, respectivamente, a tudo e nada. No final, uma negação dialética (pseudo-hegeliana) é esboçada como uma função muito peculiar, isto é: como um operador ontológico gerador de objetos, semelhante ao operador aritmético gerador de sucessores $S_{n+1}(x)$ aplicado a números inteiros. Essa função também combina com uma teoria generalizada de valores de verdade como nomes próprios milianos ou kripkeanos.

Na sua contribuição (em inglês), *Laurent Dubois* faz uma tentativa bastante ambiciosa (e humorística). Se trata de mostrar que o universo se pensa a si mesmo através do autor do artigo, num gesto audacioso que mistura então o rigor do *Tractatus* de Wittgenstein (sem largar a escada), a reflexividade do espírito hegeliano (sem pretender ser absoluto), o processo de Whitehead (para

tomar conto da evolução), e uma pretensão anti-kantiana (quase spinozista) de pensar o numenal, isto é a realidade enquanto tal. Em outras palavras, a questão é saber se a Totalidade pode tomar consciência de si mesmo sem que o autor do artigo (o qualquer um, na verdade) seja considerado como excluído dela. Em que sentido a lógica formal pode desempenhar um papel nesse esforço metafísico? E, qual tipo de lógica deve ser considerada aqui? Para diferenciar Laurent Dubois e o Universo que fala através dele, são introduzidas várias notações para separar as linguagens (e metalínguas). E é por causa dessa originalidade que Laurent Dubois fala do seu trabalho como de um "artigo-testemunho", que pode ser visto como um exemplo de uma possível nova disciplina, a "metafísica científica", composta por experimentos mentais, algumas definições, provas, explicações e conjecturas. Obviamente, para ser chamada de ciência, a disciplina também precisa de alguma possibilidade de "verificação". Cabe ao leitor julgar e decidir se esse é o caso no movimento da argumentação exposta.

No seu artigo (em francês), *Luciano Boi* sublinha que a geometria é muito mais que o seus axiomas e tira dessa ideia consequências para a filosofia do espaço e a ontogenia da natureza. Para começar, o autor propõe uma visão da matemática que reconhece a dimensão profundamente aberta e incompleta das teorias que buscam entender as es-

truturas geométricas e topológicas do mundo natural e daquele da percepção, como também as relações que se estabelecem entre esses dois mundos. Desse ponto de vista, o campo conceitual da geometria não pode ser reduzido a um sistema finito de axiomas. Ele analisa depois a importante ideia de que a pesquisa da significação ou das significações dos conceitos matemáticos não se identifica à lógica da demonstração deles. A verdade das proposições também deve ser separada da demonstração delas. O autor ilustra sua reflexão apresentando alguns exemplos estranhos de matemática e de física não contável. Em seguida, examina uma segunda ideia chave que se pode associar à geometria (como também à topologia e a outros domínios da matemática) um certo poder morfogenético, então ontogenético. Ele analisa brevemente dois exemplos de “geometria natural”: aquele das simetrias e das formas naturais, e aquele das dobras, ligações e enlaçamentos no mundo vivo (a morfologia dos microtubulos). A geometria pode ser concebida como uma “linguagem” pluridimensional e polissêmica: como linguagem da imaginação e da invenção de conceitos, e também como linguagem da natureza e do vivo (a esse respeito, o autor menciona o papel iniciador que tem uma certa organização geométrica na embriogênese animal). Em particular, os conceitos de grupo e de nó são transversais no sentido que correspondem às diferentes dimensões e significações do que

é a geometria.

No seu artigo (em português), *Leonardo Müller* estuda a interpretação que Gilles-Gaston Granger faz dos conceitos centrais, na ciência econômica neoclássica, de utilidade e de racionalidade. De fato, Granger começou a carreira dele analisando epistemologicamente a economia, tanto na sua dimensão metodológica como na sua história (com a figura de Condorcet). E nunca parou, nas obras ulteriores (e até nas últimas), de fazer referência a essa ciência que ele considerava, com a linguística, a mais avançada das disciplinas humanas e sociais. Ora, a teoria da utilidade é o fundamento do marginalismo que serve de base à teoria neoclássica. Desde suas origens, na década de 1870, ela passou por diversas modificações: um início hedonista (Jevons), adquiriu contornos ordinalistas (classificação de preferência) (Pareto) que foram radicalizados em meados do século XX, viu a retomada da cardinalidade (medida) (von Neumann e Morgenstern), se transformou na teoria da utilidade esperada (Savage) e na hipótese das expectativas racionais. Nesse desenvolvimento histórico, a utilidade e a noção de racionalidade a ela associada foram objetivadas, esvaziadas de qualquer conteúdo psicológico, tornaram-se indissociáveis de cálculos probabilísticos e voltaram-se para o futuro, mas se mantiveram sempre como a pedra fundamental da teoria neoclássica. Essa última, como não poderia deixar de ser, alterou-se

profundamente em consonância a essas transformações em seu conceito de base.

No seu artigo (em francês), *Philippe Lacour* tenta mostrar que os primeiros livros de Jules Vuillemin, imediatamente depois da Segunda Guerra Mundial, não são “existencialistas”, apesar de uma reputação que o afirma, mas desenvolvem uma redefinição da razão, que se afasta igualmente do existencialismo e do marxismo. Paradoxalmente para um autor de reputação austera e técnica, é com uma meditação sobre o destino que começa a obra de Vuillemin, pois este revela uma forma integral de racionalismo, em oposição àquele de Kant, que equilibra o saber com a fé. A partir da noção de destino, Vuillemin identifica uma ambivalência fundamental, na vida afetiva humana, entre a emoção, sublinhada por Heidegger mas que é apenas negativa (pois da uma apreensão vazia do mundo) e o sentimento, de valor positiva pois corresponde à sintonia do sujeito com o mundo. Consequentemente, o sentimento recebe um valor ontológico e epistêmico, em particular aquele de alegria e esforço. Finalmente, o conceito de trabalho é destacado como princípio da realidade, do ser como do dever-ser - e teve uma grande influência sobre o pensamento de Gilles-Gaston Granger. Para concluir, o autor sublinha como a dupla dialética do trabalho (como divisão das funções simbólicas e historicidade) im-

plica finalmente o projeto de uma filosofia da ciência, o que explica então a orientação epistemológica do resto da obra de Vuillemin.

O texto de Joseph Vidal-Rosset (em francês) é uma versão aprofundada e modificada de uma conferência feita em 2018 em Nancy (França) e em Brasília. O autor retoma uma meditação de Jules Vuillemin sobre a possibilidade de aplicar a lógica formal aos raciocínios clássicos de Anselmo de Cantuária e René Descartes em torno da existência de Deus. Vidal-Rosset mostra que o argumento teológico de Anselmo é válido na lógica clássica da primeira ordem, e essa conclusão contradiz a análise e as conclusões de Vuillemin sobre o assunto. Em relação ao argumento de Descartes, ele mostra que, ao contrário do que tinha afirmado na sua apresentação oral em Brasília (<<https://tinyurl.com/y67b28kq>>), a formalização (que ele desenvolve nesse texto na forma da dedução natural) mostra que a lógica minimal não é suficiente para traduzi-lo. De fato, é necessária a lógica intuicionista de primeira ordem para que este argumento seja válido. Mas não se pode considerar que o argumento de Descartes seja “correto” (além de válido), porque nem todas as suas premissas são verdadeiras, no sentido duplo de metafisicamente indubitáveis e respeitando o princípio da suspensão do juízo. Consequentemente, Vidal-Rosset sublinha que o argumento cartesiano, como aquele de Anselmo,

cai diante da famosa objeção de Kant (contra a prova ontológica). Por fim, ele mostra todavia que a interpretação que Vuillemin faz do sistema de Descartes enquanto filosofia intuicionista é confirmada pela formalização, e que essa conclusão também contribui para esclarecer o pluralismo filosófico característico do espírito da classificação de Vuillemin.

O texto (em francês) de *Carlos Lobo* trata a questão da renovação da racionalidade na forma de um suspense, através das aparições de fantasmas. De fato, ele lembra a citação de Hermann Weyl, para quem uma “lógica modal” verdadeiramente universal, como a lógica da subjetividade concreta, operando na atividade científica, corresponde ao que seria a alma do “fantasma evanescente da modalidade”; e ele considera que tal foi o projeto husserliano de “reforma da lógica”. Para Granger e Vuillemin também: uma lógica digna do título deveria ser uma “teoria da ciência” e de facto revelar-se capaz de propor uma descrição formal das modalidades, e, como uma delas, da probabilidade. E tal foi a primeira moção que conduziu Granger e Vuillemin à fenomenologia transcendental. Porém, essa

moção foi imediatamente inibida por uma série de obstáculos, como em especial a “objeção-Gödel”. Ora, o fantasma husserliano das modalidades assim entendidas surge no trabalho de Vuillemin e Granger em vários lugares, começando por aquele em que ambos se juntam numa espécie de aliança objetiva e de conjugação secreta, para eliminar o que, para ambos, representa o espectro, a ilusão especulativa por excelência: o sujeito transcendental. Efetivamente, o regresso do fantasma husserliano da modalidade terá lugar em Granger e Vuillemin de forma mais ou menos direta e equívoca, onde se comprometem na elaboração de uma lógica relevante do ponto de vista epistemológico, i.e. capaz de dar conta da prática científica correspondente a uma das suas fases no seu modo de existência para uma consciência individual ou uma sociedade e não de algum esqueleto ou de uma das suas ‘reflexões idealizadas’. A presença evanescente, intermitente, mas sempre decisiva da referência ao discípulo ambíguo de Husserl, Oskar Becker, corresponde a tantas aparências fugazes e equívocas do fantasma de uma tal lógica da modalidade.

Philippe Claude Thierry Lacour
(Organizador do *Dossiê*)

* * *

Além dos trabalhos que compõem o *Dossiê*, o presente número também conta com outras contribuições recebidas em fluxo contínuo.

(1) Rogério Holanda da Silva e Ricardo Décio, no artigo “Um Olhar Fenomenológico sobre as Crises Existenciais na Contemporaneidade”, apresentam uma reflexão fenomenológica sobre a indigência do tempo presente. Com isso, procuram discutir as inquietações e patologias que o atual momento histórico (niilista) tem causado no ser humano, ao impor um certo modelo de vida. Contra a interpretação das ciências naturais, que consideram as crises existenciais algo exclusivamente inerente ao corpo biológico, os autores defendem que tais fenômenos só podem ser corretamente compreendidos por meio da analítica existencial do ser humano.

(2) Em “Alargar a Concepção de Ciência é Construir Pontes ou Abismos? Sobre a Filosofia da Ciência de Passeron”, Juliana de Orione Arraes Fagundes, professora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), discute a distinção feita por Jean-Claude Passeron entre as ciências históricas e as ciências naturais, e sua proposta de alargar a concepção de ciência empírica para incluir as ciências sociais (humanas). Neste sentido, além de criticar essa distinção de Passeron, argumentando que as ciências naturais e humanas compartilham dificuldades e soluções epistemológicas, sugere uma abordagem mais

simples para incluir as ciências humanas no rol das ciências empíricas.

(3) Alexandre Machado, doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em seu artigo “Do Indutivismo Neopositivista ao Racionalismo Crítico Popperiano: Uma Discussão sobre os Critérios de Demarcação na Epistemologia Científica”, propõe discutir as dificuldades (sobretudo no que tange à utilização do método indutivo) inerentes à tentativa popperiana de suplantar o princípio de verificação dos empiristas lógicos do Círculo de Viena pelo princípio de falseabilidade.

(4) “O Papel das Mediações Culturais como Possibilidade de Leitura das Ciências Humanas em Paul Ricoeur”, artigo de Jefferson da Silva e Marcius Tadeu Maciel Nahur, professores do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Unidade de Lorena), analisa a crítica de Paul Ricoeur ao paradigma moderno da racionalidade cartesiana, explicando como a proposta ricoeuriana possibilita a ampliação crítica de horizontes para a compreensão do mundo e a reconstrução possível da reflexão, sem cair em armadilhas de manipulações ideológicas e em estreitamentos de científicimos reducionistas.

(5) Em “Capitalismo e Socialismo, as Duas Faces de Janus: A Fenomenologia do Sujeito de Michel Henry e suas Aproximações com a Crítica do Valor de Robert Kurz”, David G. Borges, professor da Universidade Federal do Piauí

(UFPI) e doutorando em filosofia pela Universidade da Beira Interior (Portugal), apresenta uma análise comparativa entre as críticas de Michel Henry aos sistemas capitalista e socialista, derivadas de sua fenomenologia, e as considerações de Robert Kurz sobre os mesmos sistemas, fundamentadas na sua Teoria Crítica do Valor. Com isso, pretende defender que existe Crítica do Valor nos escritos de Henry; que seria prematuro asseverar que há reflexões fenomenológicas nos trabalhos de Kurz; que as teorizações de ambos se complementam; que as semelhanças provavelmente decorrem do momento histórico no qual estavam inseridos; e que seus trabalhos apontam para uma crítica abrangente da Era Moderna.

(6) John Lindemann, doutorando em filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), propõe, em seu artigo "Memória: Ontologia e Epistemologia Básicas", extrair uma consequência epistemológica da posição ontológica de que toda memória é episódica, qual seja, que ela é uma fonte básica de conhecimento análoga à percepção.

(7) "A Reconstrução Normativa e o Caráter Social da Liberdade em Axel Honneth", artigo de Leonardo Correia Bastos, mestre em filosofia pela Universidade de Brasília, examina os traços centrais da abordagem teórica das relações sociais e políticas, desenvolvida

na obra *O Direito da Liberdade* do filósofo alemão Axel Honneth. A referida obra faz uma análise da influência hegeliana sobre o conceito de liberdade, bem como dos fatores relacionados com o suprimento das carências subjetivas, mediadas pelas diferentes "esferas" sociais.

Por fim, temos ainda uma tradução e uma resenha. A tradução inédita do texto "O Paralelismo Psicofísico e a Metafísica Positiva" de Henri Bergson foi realizada pelo Grupo de Tradução do departamento de filosofia da Universidade de Brasília, composto por alunos da graduação e pós-graduação em filosofia, e coordenado pelo professor Philippe Lacour. Logo em seguida, Vinícius Armiliato, doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), nos apresenta o livro "O Pêndulo de Epicuro: Ensaio sobre o sujeito e a lógica de uma história sem finalidade - Kant, Freud e Darwin", escrito a quatro mãos por Francisco Verrardi Bocca e Daniel Omar Perez.

Gostaríamos de aproveitar o ensejo para agradecer a todos os autores, por terem honrado a nossa *Revista* com as suas produções, bem como aos membros do corpo editorial, avaliadores, editores e leitores de provas, pela fundamental colaboração na confecção da presente edição.

Os Editores

